

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

TETO E CIDADANIA – A CONSTRUÇÃO FÍSICA E SIMBÓLICA DE UM CLUBE RACIALIZADO EM LEOPOLDINA, ZONA DA MATA MINEIRA, NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Jeane Alves Teixeira Riguete
Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO / Niterói
jeanealvesteixeira@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo tem por objetivo mapear as relações sociais que se estabeleciam dentro do Clube dos Cutubas, agremiação fundada por negros no ano de 1925, na cidade de Leopoldina, Zona da Mata mineira. Sabe-se que a historiografia oficial negligenciou a contribuição do povo afrodescendente para a construção da história do país por muitas décadas após a abolição. Esta realidade demonstrou ser ainda mais expressiva em regiões que receberam contingentes de imigrantes oriundos da Europa como opção à mão de obra cativa. Na contramão destas lacunas bibliográficas, porém, existem fortes indícios, ainda que pouco explorados, de uma associação dinamicamente organizada no intuito de resistir e se impor à ostensiva segregação racial leopoldinense do século XX. Assim sendo, procura-se entender por meio das atas de reuniões do clube, as redes de sociabilidade que se fizeram por ali presentes e ainda hoje ecoam por seu salão, exprimindo memórias que carecem de atenção e um olhar minucioso.

Palavras-chave: Leopoldina, negros, clube.

INTRODUÇÃO

Leopoldina, cidade da Zona da Mata mineira, possui entre seus atrativos culturais ao longo de sua zona urbana um clube negro prestes a completar 100 anos de idade, em 2025. É quase um século de história que oscilou desde momentos de crises intensas a instantes de alegria compartilhada e comemorações, ainda presentes na memória de seus anciãos no tempo atual, jovens guerreiros de outrora, que no referido lugar residem hodiernamente.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O município conseguiu sua autonomia administrativa em 1854, época aquela em que se notaria também seu apogeu econômico, vindo a se consolidar na segunda metade do século XIX, com destacada produção de café (NOGUEIRA, 2011, p.15). Este perfil majoritariamente agrário das atividades no local lhe ocasionou ser um dos destinos da província que mais recebeu contingentes humanos afrodescendentes no tempo em questão para o trabalho escravo (ANDRADE, 1992).

Para os egressos desse cativo ocorrido em solo brasileiro, liberdade não foi sinônimo de autonomia. A abolição não apreendeu o alcance da emancipação plena que o significado do termo sugeria, naquele contexto dos anos que sucederam o romper do século XX. Em lugares como a cidade mineira observada, com alto índice de mão de obra escravizada, o grande número representado pelos negros pareceu destacar ainda mais a supressão da cidadania por eles vivenciada, anos após a Lei Áurea.

Estas parcelas subalternizadas da sociedade, nas quais os fundadores e frequentadores do clube analisado se encontram inseridos, tiveram de se organizar em prol do abrandamento das disparidades raciais. Variados grupos se legitimaram nesta conjuntura como desdobramentos do movimento negro¹. Diante de um panorama excludente e desafiador, tais pessoas se valeram de sua autenticidade na defesa de sua autonomia e representatividade enquanto cidadãos brasileiros.

Sendo assim, este estudo busca averiguar as relações estabelecidas por esses homens e mulheres que espelhavam dentro do grêmio suas leituras da realidade histórica a qual estavam inseridos. As diversas formas de manifestação cultural e toda a simbologia presente em suas ações são indícios de tramas cotidianas que se encaixam em algo maior, podendo vir a contribuir no preenchimento de algumas lacunas quanto ao passado de Leopoldina.

¹ Com relação aos significados atribuídos à expressão “movimento negro”, sugere-se aqui aquele proposto por Joel Rufino dos Santos, quando mencionou que “ (...) todas as entidades, de qualquer natureza, e todas as ações, de qualquer tempo [aí compreendidas mesmo aquelas à autodefesa física e cultural do negro], fundadas e promovidas por pretos e negros (...). Entidades religiosas [como terreiros de candomblé, por exemplo], assistenciais [como as confrarias coloniais], recreativas [como “clubes de negros”], artísticas [como os inúmeros grupos de dança, capoeira, teatro, poesia], culturais [como os diversos “centros de pesquisa”] e políticas [como o Movimento Negro Unificado]; e ações de mobilização política, de protesto anti-discriminatório, de aquilombamento, de rebeldia armada, de movimentos artísticos, literários e ‘folclóricos’- toda essa complexa dinâmica, ostensiva ou encoberta, extemporânea ou cotidiana, constitui movimento negro.” (SANTOS, 1994, p. 157).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O QUILOMBO URBANO

Quanto ao Clube dos Cutubas, designação conferida ao reduto negro em questão, propõe-se que este seja analisado pela ótica de um quilombo urbano que se ergueu frente a uma sociedade abertamente segregacionista, naquele contexto do pós-abolição. Enquanto fruto do seu tempo, a agremiação surge como que em resposta ao comportamento impertinente de uma elite econômica que trazia ainda frescas na memória posturas do tempo do cativo, quando dos pretos queria apenas a mão de obra barata.

No caso de seus integrantes, urge observar a mobilização e empenho em prol de se conseguir um teto para chamar de seu, descritos através de registros inerentes ao cotidiano da instituição. Traduzindo todo o processo envolvido na construção física da associação em questão para o campo simbólico, das representações, referenda-se aqui a historiadora Sandra Pesavento, quando diz que “a cidade reproduzia espacialmente as divisões sociais: os lugares tinham códigos, cujo acesso os frequentadores conheciam (...)” (2002, p. 223).

Na esteira dessa justificativa, recorre-se também a Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes, para quem “(...) o processo de luta e resistência negra ganhou outros contornos. (...) Os negros brasileiros após a abolição tiveram que implementar um longo e árduo processo de construção de igualdade e de acesso aos diversos setores da sociedade. (...)” (2016, p. 107).

A perspectiva do quilombo projetada sobre o clube se dá a partir dos espaços bem delineados nos quais aquelas pessoas sabiam não serem bem vindas, nos vários âmbitos da cidade. Em função desta realidade discriminatória e desvelada, erguer um território negro por excelência foi o caminho encontrado para as tentativas de efetivação da cidadania e de estruturação das lutas pela liberdade, não consolidadas quando da lei de 13 de maio de 1888.

POR DENTRO DO CLUBE

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Por meio das atas de reuniões mais antigas da agremiação, disponíveis desde 1927, dois anos após sua fundação, até o ano de 1935, são percebidos os posicionamentos que nortearam a fase inicial da existência do grupo, bem como as representações de seus pioneiros fundadores e associados impressas nos mais diversos domínios da cidade como um todo.

Documentos estes que chamam a atenção acerca das redes de sociabilidade locais envolvendo o clube, por exemplo. Através dos registros nota-se uma incipiente aproximação com dirigentes da classe operária, articulados com o discurso sindicalista, mesmo levando-se em conta o caráter agrário do município em sua essência. Outro tipo de relação destacada pela leitura dos indícios deixados compreende a sugestiva aproximação com poderosos chefes políticos locais, ressaltando-se a conveniência deste vínculo para os afrodescendentes frente às suas pretensões no que concernia à aceitação social e viabilização em questões burocráticas e financeiras.

Partindo desta premissa, pode-se citar o fato dos irmãos Ribeiro Junqueira, constatado através da leitura das atas de reuniões, terem sido homenageados em evento solene na instituição negra, adquirindo o título de sócios beneméritos por dois anos, conforme consta no documento do dia 08 de outubro de 1927. Tais homens tiveram seus nomes envolvidos em variadas frentes de atuação nas quais puderam exercer suas formas de domínio econômico e intelectual na cidade: setor agrícola, rede educacional, agência bancária, departamento empresarial, ramo político etc.

Vale lembrar as ocasiões, também mencionadas nos registros utilizados, em que os poderosos irmãos foram solicitados por membros da diretoria do Cutubas em vista de agilizar certos trâmites legais envolvendo empreitadas do grupo, ou mesmo quanto à doação de valores em dinheiro em prol da construção da sede da instituição. Desta maneira, chegou a ser adquirido o valor de 50 mil réis como contribuição à causa primordial da instituição naquele principiar de sua existência.

Nesta lógica, ressalta-se aqui também parte do conteúdo da ata de reunião do dia 23 de setembro de 1934, em que tentou-se viabilizar a obtenção de um terreno da prefeitura para a construção de um local físico para abrigar a agremiação. Por meio de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

uma visita à casa do prefeito da cidade na ocasião, o senhor Francisco de Andrade Bastos, os dirigentes do clube pareceram ter, *a priori*, um cenário favorável, quanto à doação do lote de terra. O gestor municipal teria lhes tranquilizado a respeito da burocracia do despacho, vindo a afirmar no encontro que seria o pedido “dado de bom grado”.

O fato é que o requerimento acima citado não se concluiu. Na sequência do acervo, não foram encontrados registros escritos que justificassem a causa da não concessão do terreno por parte da prefeitura. A promessa simplesmente não se concretizou. Frente a este episódio, torna-se importante observar que, mesmo sem saber seu motivo exato, diante de uma promessa de ajuda por parte da classe hegemônica que não se consolidou, o grupo não se deixou abater.

Já ambientados com as portas se fechando, os membros do clube se reergueram. Como era de praxe, ainda mais fortes retomaram o projeto da obtenção de seu lar, porém, por outros moldes. Conforme será descrito um pouco mais adiante, os dirigentes do grêmio souberam dar a volta por cima, reafirmando a narrativa da reinvenção como uma constante.

Ainda com relação às acomodações do clube e pegando o gancho das amizades e redes de apoio estabelecidas por seus dirigentes, cabe lembrar a relação de reciprocidade firmada com membros da UBOL, União Beneficente Operária Leopoldinense. Por meio dos indícios, os negros em Leopoldina demonstraram estarem se não engajados, ao menos em consonância com a causa trabalhista no local.

Os líderes do movimento operário na cidade, deveras foram lembrados e honrados nos encontros dos sócios em questão, como quando seu diretor, no ano de 1927, senhor Cândido Veloso, fora mencionado por aquele grêmio, ainda explorando os registros do dia 08 de outubro. A homenagem teria se dado em função do início do funcionamento das atividades daquela instituição na cidade, em setembro do mesmo ano.

Época esta em que dentre tantos outros desafios enfrentados pela associação negra, estava o de não ter um lugar fixo para a realização de reuniões, bailes e outros

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

encontros envolvendo as ações praticadas por seus participantes. Foi a primeira década de sua existência e talvez a mais desafiadora, posto que dependiam da boa vontade de alguns de seus associados ao emprestarem suas casas, e da camaradagem proveniente de amizades com coletividades solidárias à causa.

Neste ínterim, importante salientar o fato do clube dos Cutubas, antes de conseguir comprar uma propriedade no ano de 1934, que passou a ser sua primeira e única sede, ter chegado a funcionar nas dependências da União Operária, que fora emprestada àquele grupo. Chegaram também a alugar outros espaços na cidade, como o prédio público do extinto *Cine Brasil*. Não obtiveram, porém, uma boa experiência com os acordos de aluguéis, posto que os problemas financeiros sempre demonstravam agravamento naquelas ocasiões.

Por várias vezes chegaram a cogitar a hipótese de encerrarem definitivamente suas atividades naquela localidade, não sendo ela, portanto, mais forte do que a vontade de defender e manter seu legado. Esta inconstância sugerida pela habitual alternância em suas instalações também é representativa dos apertos financeiros por eles enfrentados naquele tempo. O próprio aluguel do local onde funcionou o cinema da cidade os deixou endividados para além do planejamento inicial, os forçando, porém, a uma decisão ousada que marcou um momento decisivo de sua história.

Por ocasião da venda do prédio em questão e na ausência de alternativas que lhes atendessem de imediato, os então inquilinos se depararam com a oportunidade de solicitar um empréstimo ao banco dos Ribeiro Junqueira para aquisição de uma residência e fazer dela a sede de sua agremiação. Foi adquirido então o sobrado da rua Sete de Setembro, em 5 de dezembro de 1934, que necessitando de reformas, obteve dos próprios membros do clube que se dispuseram, os reparos necessários.

No que tange às respostas dos dirigentes da instituição frente aos percalços impostos em sua trajetória, fazer sobreviver a cultura de seu povo parecia mover suas ações afirmativas. Pode-se aqui aludir aos conceitos propostos por Michel de Certeau, quando engenhosamente sugere suas *táticas e estratégias* (1998, p. 92), percebidas nos mecanismos das relações humanas de dominação e subversão, que se aplicariam a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

segmentos subalternos da sociedade. Os negros, inclusos nestes grupos, utilizariam de movimentos táticos para contestar o sistema opressor e excludente em vigor.

Se reconstruir quando das inúmeras dificuldades e obstáculos pareceu requerer dos afrodescendentes doses elevadas de criatividade, resiliência e maleabilidade. Posturas estas que foram, dentre tantas outras, necessárias ao relacionamento com distintos agrupamentos daquela sociedade e com a classe hegemônica, no intuito de uma busca fundamentada no campo do simbólico, muito além de um teto físico. Garantir autonomia para sua gente pareceu ser a principal pauta a constar na agenda da associação.

OS REFLEXOS DA AGREMIÇÃO NA URBE

Torna-se, portanto, imperioso que se elucide as dimensões dessas espacialidades paralelas dentro do território citadino, para além das narrativas dominantes. Os negros, na ótica de Mônica Velloso, encontravam através da resistência e acomodação as possibilidades de inserção social. Sua estratégia de sobrevivência ia de encontro às tentativas de ocupação do perímetro urbano, que se viabilizava por meio da crença, das festas, da dança, da capoeira, dos rituais e outras manifestações, dentre uma imensa gama de produção cultural. Conforme argumento da historiadora,

Interessa investigar as brechas de liberdade, através das quais os cidadãos conseguem reinventar práticas e maneiras próprias de vivenciar o espaço. É através dessas “microliberdades” que os grupos – considerados subalternos – exercitam a sua criatividade e capacidade de dar respostas às injunções dos poderes. É nessa perspectiva que são enfatizados os movimentos táticos, através dos quais tais grupos, na atitude de aparente aceitação da ordem imposta, fariam deslocar – de forma imperceptível – as fronteiras da dominação. (...) (VELLOSO, 2004, p.27)

Por mencionar a ocupação do espaço urbano, se faz aqui necessário citar a existência de um clube elitizado, vizinho e contemporâneo ao Cutubas na cidade, o Clube Leopoldina. Levando-se em conta o fato de que aos homens de cor era negado

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

acesso àquele recinto, a menos que estivessem a serviço, torna-se instigante a investigação mais aprofundada acerca das táticas adotadas por estas pessoas para se manterem erguidas diante de um cenário urbano racializado em suas mais acentuadas nuances.

Subverter as imposições hegemônicas e segregacionistas se fez necessário. Criar um espaço específico, quando do impedimento social de estarem em outros destinos citadinos por conta da cor da pele denota a forma discriminatória como estas pessoas se viam representadas e a resistência manifesta contra tal *apartheid*. A edificação do clube, seja ela concreta ou simbólica, haja vista eles não terem tido sede física própria por cerca de dez anos, torna-se bastante emblemática e indicativa da dimensão do racismo experienciado por seus integrantes.

Reagir, neste caso, exigia dos negros a ressignificação de alguns códigos sociais. Para Roger Chartier, estas “(...) práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; (...) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo (...)” (1988, p. 23). Já na perspectiva de Roberto DaMatta, os grupos, ou as associações,

(...) não seriam *sociedades*, no sentido clássico e liberal do termo, isto é, associações de indivíduos, todos com os mesmos direitos porque iguais perante um conjunto de regras (ou leis) que eles mesmos inventaram e instituíram para seu próprio governo. Mas, ao contrário, em que pese sua autodefinição como “associações”, tais grupos seriam de fato *agregações familísticas* ou *patronais*, onde o espaço gerado pelo grupo é que transforma em *gente* (ou pessoa) o indivíduo que a ela pertence. É, pois, o grupo que constitui a pessoa, e não a união igualitária que faz o grupo (DAMATTA, 1997, p.133).

Nesta ótica, era como se o Cutubas significasse a existência de seus membros, lhes oferecendo suporte de variadas formas, onde o poder público talvez não os alcançasse. Porém, uma das características que talvez mais sobressaltasse acerca da instituição se relacione com o termo que por décadas acompanhou a designação da

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

agremiação, quando se intitulou Clube Carnavalesco dos Cutubas, lá em seus primórdios. Ainda hoje há quem se refira à sociedade em voga desta maneira.

O Carnaval era uma constante nos assuntos relatados nas atas de reuniões, desde as manobras para se angariar fundos para fomentar os desfiles até a descrição detalhada da dinâmica do evento, passados os dias de seu acontecimento. Muitas foram as festas ocorridas no recinto, ao longo dos outros meses do ano. Artifícios para arrecadação de dinheiro em prol da nova sede e espécie de subversão por meio da alegria, as comemorações e momentos descontraídos lotavam os salões em dias de bailes.

Durante a folia carnavalesca, os membros do Cutubas marcavam sua presença no espaço público da cidade, usando o riso como escudo, rejeitando a segregação que insistiam em lhes impor. Rachel Soihet, em uma análise do Carnaval carioca explorou estas artimanhas observadas nos participantes da festividade em questão, que apesar de fugaz, seria bastante densa de significados. Segundo a pesquisadora,

(...) Por meio de canções, representações teatrais, cartas anônimas, inversões e utilizações jocosas de signos de poder, os populares demonstraram sua resistência a situações que lhes eram opressivas. Para esses segmentos excluídos, o Carnaval, particularmente, representou uma possibilidade de participação da qual não se omitiram. Muito pelo contrário, através de formas alternativas de organização, nele investiram toda a sua energia. Valendo-se de metáforas, explorando sua criatividade, tendo o riso como arma, procuraram reagir às diversas formas de opressão que sobre eles incidiam. Não foram, portanto, passivos e impotentes, nem ficaram à mercê de forças históricas externas e dominantes. Pelo contrário, desempenharam um papel ativo e essencial na criação de sua própria história e na definição de sua identidade cultural (SOIHET, 1998, p. 15-16).

Fazendo aqui uma analogia entre a delimitação da rua e as dimensões representativas da festa de Momo, “(...) o universo espacial próprio do carnaval são as praças, as avenidas e, sobretudo, o ‘centro da cidade’(...), o ponto de encontro da

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

população, do mesmo modo que os salões são o espaço igualador de várias posições sociais no baile (DAMATTA, 1997, p. 56).”

Para aquela coletividade, significar sua posição enquanto clube negro ganha uma perspectiva mais abrangente quando se considera as proporções simbólicas da rua na qual o recinto se encontra inserido e suas redondezas. O logradouro em questão, além de abrigar o Cutubas, era também a localização do Clube Leopoldina, que no passado, ficava praticamente em frente à agremiação racializada.

No tempo presente, todavia, a situação social se modificou, fazendo com que o Leopoldina se deslocasse de sua posição inicial, vindo hoje a ocupar apenas a parte de trás do casarão original. Assumindo a porta dos fundos como principal, seu endereço agora é outro, posto que na portaria frontal, os brancos também não entram mais, pelo menos não aqueles que querem ter acesso ao seu clube dançante.

Emblemática também naquela porção urbana é a Praça Gama Cerqueira, popularmente conhecida como Praça do Urubu. O local, bem próximo ao Cutubas, no passado, costumava reunir os associados quando da espera pela hora dos bailes, posto que fica em um trajeto que é via de acesso às principais zonas periféricas da cidade. Os negros desciam e se reuniam nos bancos da praça, enquanto aguardavam ansiosos pelo início das festas.

A verdadeira motivação para o apelido do logradouro é incerta. Há duas versões, sendo que uma delas atribuindo um significado pejorativo ao termo, imbuída de racismo. Nas memórias da população cidadina atual estão impressas as narrativas envolvendo a denominação da praça que talvez seja junto ao Cutubas uma das maiores expressões urbanas do preconceito racial exacerbado que manifestou sua gente em um tempo não tão distante, no lugar em questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os fragmentos da documentação do clube analisados nos remetem a uma associação estruturada e organizada para o alcance de um objetivo que era a principal mola propulsora de sua existência. Dentre uma imensa gama de leituras possíveis de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

serem feitas sobre o Cutubas, a que foi aqui proposta buscou demonstrar a dinâmica interna compartilhada por seus associados, que engajados na busca pela reafirmação de sua cidadania, souberam não se calar frente à segregação ostensiva, mesmo que algumas vezes em silêncio.

Através das atas de reuniões do clube observadas pôde-se perceber uma série de posturas estratégicas envolvendo as redes de sociabilidades por aqueles associados estabelecidas. Frente às relações e aos vínculos exibidos, bem como às posturas por eles adotadas, percebeu-se formas de resistência envolvendo a subversão, seja ela por meio da dança, da troca de favores, ou ainda por meio da diplomacia percebida em seus principais dirigentes, como os senhores Maximiano Ramiro Ferreira e Francisco Martins de Oliveira. O primeiro, um dos presidentes iniciais do grêmio; o segundo, seu secretário por longo tempo.

As fronteiras simbólicas do Clube dos Cutubas na cidade, importando aqui muito mais do que suas paredes de tijolos, nem sempre foram o limite de sua ocupação. Taticamente, se escondendo por trás de uma falsa conformidade, muitas vezes a aparente acomodação demonstrada permitiu a seus membros ocuparem espaços até então restritos ao seu tom de pele. As formas como seu protagonismo foi se delineando, na contramão das tentativas de apagamento de sua cultura por parte dos grupos hegemônicos, são indícios de que foram bem sucedidos, sob alguns aspectos, quando da infiltração nas brechas do sistema dominante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Rômulo. Cafeicultura na Zona da Mata. *Revista Brasileira de História*, n. 22. São Paulo, 1992, p. 93 - 131.

BLOCH, Agata. A historiografia colonial “vista de baixo”: ameaça, uma abordagem nova ou complementar à história “vista de cima”? In: SILVA, Thiago Cedrez da; GANDRA, Edgar Avila; SIMÕES, Elvis Silveira (org.). *História em movimento: múltiplas abordagens*, v.01. Porto Alegre: Casalettras, 2020.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

CLUBE CARNAVALESCO DOS CUTUBAS, Leopoldina. *Livro de atas de reuniões, 1927 – 1935*.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DOMINGUES, Petrônio. *Protagonismo negro em São Paulo: história e historiografia*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.

FRANKLIM, Margareth Cordeiro. *Cutubas: clube de negros, território de bambas - memória e patrimônio afrodescendente de Leopoldina/MG*. Belo Horizonte: Utopika Editorial, 2014.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *O negro no Brasil de hoje*. 2. ed. São Paulo: Global, 2016.

NOGUEIRA, Natania Aparecida. *Leopoldina: instrução, mito político e formação das elites na Zona da Mata mineira (1895-1930)*. Ed. do autor, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

SANTOS, Joel Rufino dos. Movimento negro e crise brasileira. In: SANTOS, Joel Rufino dos e BARBOSA, Wilson do Nascimento. *Atrás do muro da meia noite; dinâmica das culturas afro-brasileiras*. Brasília: Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares, 1994.

SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca, da Belle Époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

VELLOSO, Monica Pimenta. *A cultura das ruas no Rio de Janeiro (1900-1930): mediações, linguagens e espaços*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2004.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História
Rio de Janeiro/RJ, 2021